

Arquitectura não é isso.

Embora só há pouco tempo tenha verbalizado isso sempre tenho considerado que o trabalho do arquitecto tem como matéria-prima o espaço, considerando a luz, os percursos e o tempo que se gasta na utilização das construções.

Como o arquitecto só trabalha por encomenda terá que considerar o programa, os custos (compatibilizando-os com o orçamento) e tentar arranjar uma plataforma de entendimento com o cliente que lhe permita fazer a sua arquitectura integrada no próprio processo evolutivo da sua produção sem desconsiderar, desprezar ou agredir o gosto e a cultura do interessado na construção.

Claro que no desencontro de culturas ou de diferentes e inevitáveis níveis de exigência perante a obra estão as maiores dificuldades para conseguir fazer obra sem que quer o arquitecto quer o dono da obra sejam atraindo. Será necessário estabelecer encontros e acordos que permitam a necessária liberdade de criação (veja-se o desenho do João Abel Manta do arquitecto e o cliente) de modo a que o cliente não se veja forçado a recusar o projecto por não se identificar com ele (quem sabe se o consegue ler e o compreende?) ou que o autor se venda deteriorando o projecto e a construção para conseguir tentar receber os honorários até ao fim da obra.

Esta disjunção cria normalmente sérios problemas ao arquitecto que deve exercer a sua profissão de uma forma criativa continua aproveitando para cada projecto a experiência dos anteriores no que, para além da técnica, corresponde à sua realização como artista.

Hoje o mercado da construção e o da produção da coisa construída exerce sobre nós graves e inadmissíveis pressões e censuras que obrigam o arquitecto a despender enormes esforços, energias e muitas horas para poder salvar a sua obra das delapidações voluntárias, conscientes e abusivas para além das que são inconscientes. Só por essa razão devíamos ser muito melhor remunerados.

Acontece que a concorrência e os procedimentos burocráticos criam tais dificuldades que o arquitecto se afasta do seu papel fundamental de criador e agente da cultura contemporânea para passar a ser empresário, ou fornecedor de processos de licenciamento, actividades que nada têm a ver com o seu papel na sociedade.

Daí que a criação/imaginação/cultura estejam ausentes da actividade dos que produzem riscos e textos a que chamam projecto.

Glosam-se as imagens dos outros, conhecidas por experiência própria, cá, no estrangeiro ou através de livros e revistas.

Usam-se os materiais, normalmente e sobretudo feitos ou criados no estrangeiro; desconhecem-se as técnicas de construção e as da física dos materiais subjacentes.

FAZ-SE DESENHO DE MODA.

Não arquitectura não é isso.